



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem - DAER
Secretaria dos Transportes



PLANO DE MANEJO E RESGATE DE FAUNA – SEDE DAER LAJEADO - RS

Local: Sede DAER Lajeado
Mês: Janeiro
Ano: 2026



APRESENTAÇÃO

A STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A., empresa de engenharia consultiva, é detentora do contrato Nº AJ/CD/013/2019, cujo objeto é a execução de serviços de apoio à fiscalização de Obras do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem - DAER/RS - Contrato de Apoio Técnico - CAT, Região Sudeste, que compreende três superintendências, a saber: 1ª Superintendência Regional - Esteio, 5ª Superintendência Regional – Osório e 11ª Superintendência Regional - Lajeado.

O contrato contempla a atividade de Supervisão Ambiental que é executada por equipe multidisciplinar e compreende o acompanhamento das obras, de modo que os projetos apresentados aos órgãos ambientais competentes sejam obedecidos no que se refere às licenças ambientais, incluindo a realização e adequação de estudos, caso necessário, confecção de mapas temáticos e elaboração de relatórios de acompanhamento entre outros, bem como também na elaboração de estudos específicos para obtenção de licenças ambientais, conforme as demandas do DAER.

Visando atender os procedimentos estabelecidos pelo Órgão Ambiental competente, na sequência é apresentado o Plano de Manejo de Fauna, a ser incorporado no processo de licenciamento ambiental para manejo de vegetação referente à área da 11ª Superintendência Regional de Lajeado do Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem (DAER) localizada na Av. Benjamin Constant, nº 1256, bairro Centro, no município de Lajeado/RS.

Lajeado/RS, 23 de janeiro de 2026.



ENGº ADRIANO PEIXOTO PANAZZOLO
COORDENADOR AMBIENTAL

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
---	---

SUMÁRIO

1. ÁREA DO EMPREENDIMENTO	4
2. EQUIPE TÉCNICA	4
3. INTRODUÇÃO	4
4. OBJETIVOS DO PLANO DE MANEJO DA FAUNA	5
4.1. Objetivos Específicos para a Gestão da Fauna	5
4.1.1. Caracterização e Mapeamento da Fauna	5
4.1.2. Manejo e Proteção da Fauna	6
4.1.3. Capacitação e Conscientização	6
5. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA	6
5.1. Descrição Hidrográfica do Terreno	7
6. METODOLOGIA	8
6.1. Levantamento de Fauna	8
6.2. Métodos de Afugentamento, Resgate e Captura	8
6.3. Busca Ativa e Afugentamento Passivo	8
6.4. Prioridade ao Deslocamento Natural e Interrupção de Atividades	8
6.5. Protocolo de Atendimento e Registro	9
7. LISTA DA FAUNA REGISTRADA NA ÁREA DO EMPREENDIMENTO	9
8. REGISTRO FOTOGRÁFICO	9
9. ÁREAS DE AFUGENTAMENTO E SOLTURA	10
10. MEDIDAS MITIGATÓRIAS PARA A FAUNA E REQUISITOS LEGAIS	11
10.1. Requisitos Legais	12
10.2. Interrupção Imediata e Atuação da Equipe de Resgate	12
10.3. Criação de Corredores Ecológicos	12
10.4. Educação Ambiental e Fiscalização	12
11. AFUGENTAMENTO E RESGATE DE FAUNA	12
11.1. Equipamentos	12
11.1.1. Para Acondicionamento e Transporte:	12
11.1.2. Para Captura e Manejo:	13
11.1.3. Equipamentos de Proteção Individual (EPIs):	13
11.2. Afugentamento e Resgate	13
12. REFERÊNCIAS	14
13. ANEXOS	14

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
--	---

1. ÁREA DO EMPREENDIMENTO

A área de estudo (Anexo 2) localiza-se no Bairro Campestre, no município de Lajeado/RS, no km 73 da rodovia ERS-130, na esquina com a Rua João Goulart. Possui área total de 3,24 hectares e situa-se a aproximadamente 4 km dos rios Taquari e Forqueta. De acordo com o Plano Diretor do Município de Lajeado, a área insere-se em zona de ocupação predominantemente residencial e mista, caracterizada pela presença de usos residenciais, comerciais e de prestação de serviços.

2. EQUIPE TÉCNICA

A equipe técnica responsável pela execução do Plano de Manejo durante a fase de instalação do empreendimento será definida pelo empreendedor. Caberá a essa equipe a implementação das ações previstas neste Plano, podendo, quando tecnicamente justificável, adotar metodologias adicionais de manejo da fauna local, desde que compatíveis com a legislação ambiental vigente e previamente aprovadas pelo órgão ambiental competente.

3. INTRODUÇÃO

Diversas atividades como a supressão da vegetação, causam alterações nos ecossistemas, que por sua vez modificam a estrutura das comunidades faunísticas.

Esses efeitos decorrentes da supressão da vegetação de uma localidade estabelecem um dever de entendimento sobre a área a ser afetada para adequação das medidas de gestão ambiental propostas.

Mesmo os ambientes alterados pela implantação de empreendimentos que causam desarborização, podem abrigar uma rica e diversa fauna silvestre, que deverá ser foco de ações práticas para conservação e manutenção de suas populações, em especial àquelas ameaçadas de extinção, raras ou endêmicas.

Ao lidar com a supressão de vegetação, é fundamental reconhecer que essas atividades alteram diretamente os ecossistemas e a estrutura das comunidades de animais.

Entender a fundo a área que será impactada é crucial para criar medidas de gestão ambiental que realmente funcionem. No caso específico de um remanescente florestal bem conservado em uma área urbana, o cuidado é ainda maior.

Mesmo cercado pela cidade, esses fragmentos podem abrigar uma fauna silvestre rica e diversa, podendo incluir espécies ameaçadas de extinção, raras ou endêmicas, que precisam de atenção especial para sua conservação.

O terreno possui duas porções bem definidas e cercadas. A primeira é caracterizada por árvores nativas, altas e esparsas, inseridas entre edificações e em áreas de intensa circulação de pessoas, veículos e maquinários.

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
---	---

A segunda porção consiste em um remanescente florestal de mata nativa em estágio avançado de conservação, também delimitado por cercas.

Ambas as áreas são de extrema importância para a biodiversidade local, oferecendo alimento e abrigo à fauna, além de contribuírem significativamente para a conectividade ecológica do entorno.

A entrada principal do terreno, utilizada por veículos e funcionários, situa-se na porção sudeste. Na parte leste, encontram-se algumas árvores nativas e exóticas esparsas. O remanescente florestal ocupa as porções nordeste, norte e noroeste.

Já as partes oeste, sudoeste e sul apresentam uma mescla de árvores esparsas com um fragmento de mata nativa e outro com espécies exóticas invasoras, como indivíduos de uva-do-japão (*Hovenia dulcis*).

Sendo assim a presente proposta de manejo da fauna inclui a possibilidade de realocação e afugentamento de grupos da fauna representado por mamíferos, aves, répteis, anfíbios e insetos (melissofauna), além do acompanhamento técnico de profissionais e/ou especialistas de diversas áreas durante as obras que serão desenvolvidas na área.

As informações relativas à composição, diversidade e distribuição da fauna silvestre presente na área de intervenção foram obtidas por meio de levantamento específico previamente realizado, cujos resultados encontram-se consolidados em relatório técnico próprio, protocolado separadamente no processo de licenciamento ambiental. O referido estudo subsidiou a identificação de áreas sensíveis, grupos faunísticos prioritários e espécies com potencial necessidade de manejo, servindo de base para a definição das medidas de afugentamento, resgate e mitigação apresentadas neste Plano de Manejo e Resgate de Fauna.

4. OBJETIVOS DO PLANO DE MANEJO DA FAUNA

O objetivo principal deste plano é elaborar e aplicar métodos eficazes para proteger e resgatar a vida silvestre na área de intervenção, incluindo vertebrados e a melissofauna nativa. Para alcançar este objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos: **Objetivos Específicos para a Gestão da Fauna**

Este plano visa proteger a fauna silvestre e minimizar os impactos que serão gerados pelas atividades de descaracterização de habitat para a instalação do empreendimento. Para isso, os objetivos específicos são:

4.1.1. Caracterização e Mapeamento da Fauna

- Utilizar as informações do levantamento de fauna previamente realizado para identificar espécies, áreas sensíveis e estruturas relevantes ao manejo;
- Mapear as áreas de maior importância para a fauna, como locais de reprodução, alimentação, abrigo e rotas de deslocamento, a fim de orientar o planejamento da intervenção e evitar ao máximo esses locais;

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
---	---

- Registrar e documentar a ocorrência da fauna silvestre, contribuindo para o conhecimento da fauna do empreendimento e enriquecendo o banco de dados da biodiversidade regional.

4.1.2. Manejo e Proteção da Fauna

- Resgatar e salvar espécimes da fauna silvestre que possam ser afetados pela supressão vegetal, priorizando a captura de animais que não consigam escapar por conta própria;
- Realizar o afugentamento da fauna por métodos passivos e não invasivos, identificando ninhos e tocas durante o processo;
- Translocar espécimes sadios e aptos para áreas de refúgio no entorno que ofereçam habitats semelhantes;
- Capturar animais feridos em decorrência das atividades e encaminhá-los para um Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) para tratamento e possível recolocação;
- Proteger a fauna silvestre dos impactos diretos da descaracterização do habitat;
- Recomendar áreas prioritárias para o zoneamento do Plano de Manejo, definindo estratégias para a gestão da fauna e propondo ações de pesquisa para aprofundar o conhecimento sobre as espécies locais.

4.1.3. Capacitação e Conscientização

- Orientar os trabalhadores da obra sobre procedimentos seguros para evitar acidentes e para o manejo adequado de ninhos, enxames de abelhas nativas, abelhas Apis (com ferrão), marimbondos e vespas.
- Disponibilizar material de apoio para atividades de educação ambiental, visando conscientizar a equipe e a comunidade sobre a importância da fauna local e as medidas de proteção.

5. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

A área de estudo (figura 1) é um lote de aproximadamente 3,8 hectares localizado em Lajeado, Rio Grande do Sul. Situado na Região Fisiográfica da Depressão Central, o local apresenta vegetação característica de Floresta Estacional Decidual (Teixeira; Neto, 1986), inserida no Bioma Mata Atlântica (IBGE, 2004). O acesso para a área se dá pela ERS 130, mais especificamente no quilômetro 73 da rodovia, seguindo na direção da cidade de Arroio de Meio. O local está situado nas coordenadas 29°26'9.97"S de latitude e 51°58'13.84"O de longitude.

O terreno se divide em duas áreas distintas e cercadas, sendo a primeira, com árvores nativas altas e esparsas, está integrada a edificações e áreas de grande movimento de pessoas, veículos e equipamentos.

A segunda é um remanescente florestal de mata nativa em estágio avançado de conservação. Ambas são cruciais para a biodiversidade local, fornecendo alimento e abrigo à fauna e fortalecendo a conectividade ecológica.

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
--	---

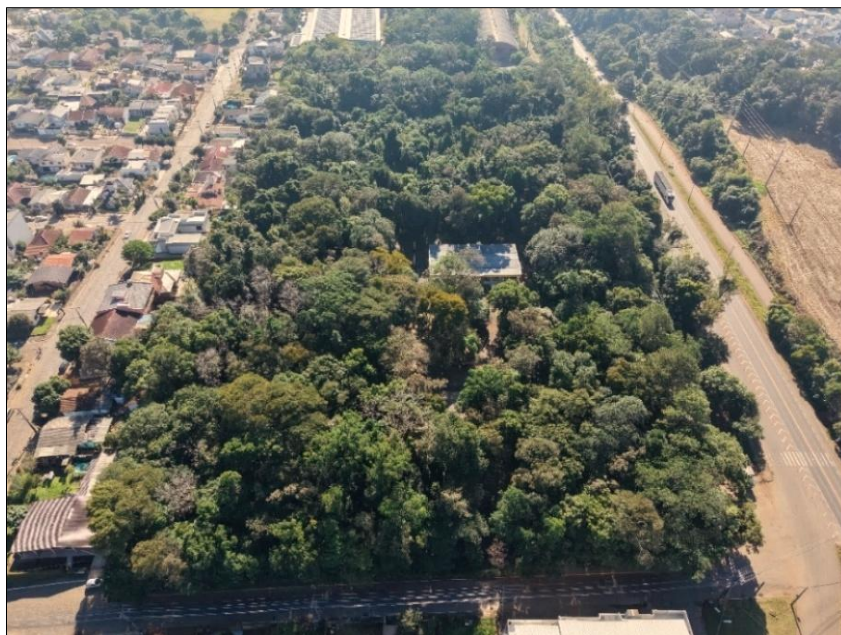


Figura 1. Imagem de drone da área do empreendimento, Sede do DAER Lajeado/RS.

5.1. Descrição Hidrográfica do Terreno

O terreno em questão está estrategicamente localizado na bacia hidrográfica do Rio Taquari-Antas, uma das 25 bacias do estado, que, por sua vez, integra a Região Hidrográfica da Bacia do Guaíba.

No interior da área do empreendimento há uma nascente na porção norte do terreno (Foto 5 e Foto 6).

Essa área não sofrerá intervenção e será utilizada para o afugentamento e realocação da fauna.

A presença desse recurso hídrico reforça a relevância ecológica do local e a necessidade de medidas de proteção ambiental, especialmente em um contexto de intervenção na mata.

Conforme Oliveira e Pereira (1986), a região apresenta um clima úmido fraco quente (C3q), com temperaturas médias anuais superiores a 18°C e precipitação anual entre 1.200 e 1.750 mm.

5.2. Vegetação

Embora o município de Lajeado, no Rio Grande do Sul, esteja predominantemente inserido no bioma Mata Atlântica conforme o mapeamento mais recente do IBGE, a área específica do empreendimento apresenta uma fisionomia de campo distinta.

O Relatório de Atividades Florestais revelou uma cobertura vegetal densa, com árvores de médio e grande porte e um estrato gramíneo-lenhoso evidente. Dentre as espécies arbóreas importantes para a fauna, destacam-se palmeiras (jerivá, juçara, tucum e geonomas), moráceas (*Ficus spp.*), canelas (*Alouea saligna* e *Nectandra oppositifolia*) e mirtáceas.

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
--	---

6. METODOLOGIA

6.1. Levantamento de Fauna.

A caracterização da fauna silvestre foi realizada por meio de levantamento técnico específico, abrangendo os principais grupos faunísticos potencialmente afetados pelas atividades de supressão vegetal, incluindo mastofauna, avifauna, herpetofauna e melissofauna.

O levantamento permitiu identificar a ocorrência de espécies residentes e de passagem, bem como estruturas relevantes para o manejo, tais como tocas, ninhos, áreas de abrigo e pontos de dessedentação. As informações obtidas fundamentaram a definição das estratégias operacionais de manejo, priorizando o afugentamento passivo, o deslocamento natural da fauna e, quando necessário, o resgate e a destinação adequada dos espécimes.

O detalhamento metodológico, as listas completas de espécies registradas e os registros fotográficos associados ao levantamento encontram-se apresentados no Laudo de Fauna apensado ao processo de licenciamento.

6.2. Métodos de Afugentamento, Resgate e Captura.

Para garantir a segurança da fauna durante as intervenções, deve ser empregado uma série de métodos de afugentamento, resgate e, em último caso, captura, priorizando sempre o bem-estar animal.

6.2.1. Busca Ativa e Afugentamento Passivo

Inicialmente, deverá ser realizada uma busca ativa detalhada em toda a área. O objetivo é localizar animais em atividade ou em repouso que possam estar em abrigos como tocas, embaixo de troncos, árvores, ninhos, entre outros.

Esse método serve para identificar e localizar possíveis enxames de abelhas nativas e exóticas que possam estar no interior da área afetada.

A supressão deve iniciar na parte sul e seguir na direção norte do terreno, e deve ser acompanhada por uma equipe multidisciplinar e treinada em resgate de fauna, a ser definida posteriormente.

Paralelamente, a equipe executará um afugentamento passivo, deslocando-se em uma única direção (de sul para norte, que permita a saída da fauna da área de impacto) e emitindo ruídos estridentes. Este método visa incentivar a fuga natural de aves, mamíferos e outros vertebrados terrestres, e sua efetividade será constantemente verificada.

6.2.2. Prioridade ao Deslocamento Natural e Interrupção de Atividades

Recomenda-se seguir a premissa de que a captura e o manuseio de animais apenas deverão ser feitos em último caso. Isso significa que só serão realizados quando for

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
---	---

comprovada a impossibilidade do animal se deslocar por conta própria ou quando ele estiver isolado em uma situação de risco iminente.

Caso qualquer animal seja avistado durante as atividades de supressão, estas deverão ser imediatamente interrompidas. Todos os esforços serão direcionados para permitir que o animal se desloque de forma autônoma para um local seguro fora da área de intervenção.

Durante o desmatamento da área de intervenção deverá ter o acompanhamento da equipe de resgate que ficará responsável por fazer capturas de animais que não conseguirem deslocar-se por conta própria para áreas seguras ou que estiverem feridos.

Caso a equipe visualize algum animal que possa ser capturado de imediato, eles deverão ser levados e mantidos em caixas de transporte ventiladas e umidificadas até que possam ser soltos na área que não será afetada.

6.2.3. Protocolo de Atendimento e Registro

Sempre que a equipe se deparar com algum animal silvestre em situação de risco, este será recolhido com equipamentos adequados para sua captura. A primeira providência a ser tomada ao capturar algum animal é a de se avaliar suas condições físicas e verificar a necessidade de encaminhamento para atendimento veterinário.

Para cada animal resgatado, uma ficha de campo detalhada deverá ser preenchida. Esta ficha incluirá o local do resgate (com coordenadas geográficas), a hora, a espécie, informações sobre a situação geral e as condições de saúde do exemplar. Registros fotográficos da captura e da soltura do animal deverão ser realizados para colocar em futuros relatórios.

7. LISTA DA FAUNA REGISTRADA NA ÁREA DO EMPREENDIMENTO

O levantamento de fauna realizado na área do empreendimento registrou a ocorrência de diferentes grupos faunísticos, com destaque para a avifauna, mastofauna de médio porte, herpetofauna associada ao ambiente florestal e melissofauna nativa.

Dentre os registros, foram identificadas espécies com hábitos fossoriais, nidificantes e coloniais, que demandam atenção específica durante as atividades de supressão vegetal, em especial no que se refere à preservação de tocas, ninhos e colônias, bem como à priorização do deslocamento natural dos indivíduos.

A listagem completa das espécies registradas, incluindo informações taxonômicas, status de conservação, forma de registro, habitat e hábitos alimentares, encontra-se detalhada no Laudo de Fauna, apresentado no processo de licenciamento ambiental. No Anexo 4, apresenta-se uma lista de espécies com potencial ocorrência, baseada em dados primários e secundários obtidos para a região de estudo.

8. REGISTRO FOTOGRÁFICO

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
---	---

O presente plano apresenta apenas registros fotográficos diretamente relacionados às ações de manejo e resgate de fauna, tais como estruturas utilizadas pela fauna (tocas, ninhos e colônias), áreas de refúgio, dessedentação e rotas de fuga.

Os registros fotográficos ilustrativos das espécies da fauna silvestre identificadas na área de estudo encontram-se apresentados no Laudo Fauna.



Foto 1 – Toca de tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) encontrada (jul./25)



Foto 2 – Toca de tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) ativa (jun./25)

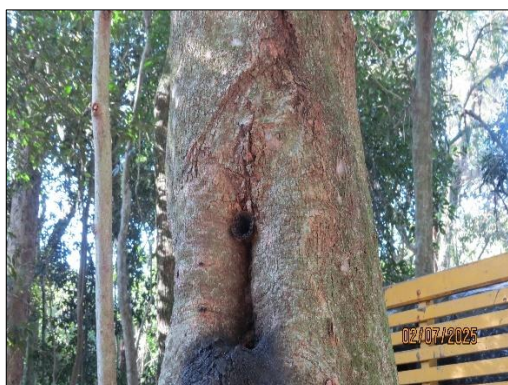


Foto 3 – Ninho de abelha sem ferrão - Tubuna (*Scaptotrigona* sp.) em canela (*Aiouea* sp.) (jul./25)

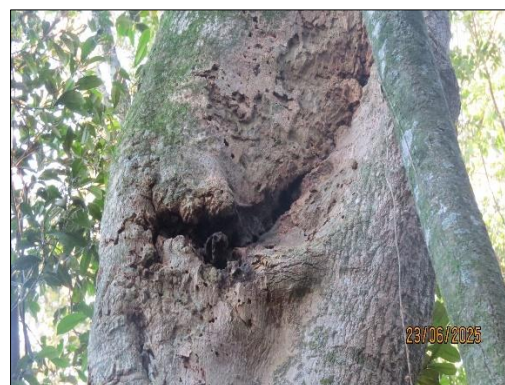


Foto 4 – Ninho de abelha sem ferrão em canemucu (*Tetrorchidium rubrivenium*) (jun./25)



Foto 5 – Área de dessedentação (nascente) para fauna na porção norte da área (jul./25)



Foto 6 – Ponto com nascente encontrado na área (jul./25)

9. ÁREAS DE AFUGENTAMENTO E SOLTURA

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
--	---

Durante as atividades de supressão de vegetação, a fauna afugentada e/ou resgatada será direcionada para as áreas vegetadas dentro do mesmo terreno e gleba onde corresponde o empreendimento. Isso é crucial para garantir a segurança e bem-estar dos animais.

Conforme ilustrado na imagem aérea do local de estudo (Figura 2), a área do empreendimento possui uma porção de mata que não será impactada diretamente, servindo como um refúgio natural e possibilitando o deslocamento seguro da fauna.

Além disso, a imagem revela que o terreno vizinho, ao norte, possui uma extensa área de mata em bom estado de conservação, que se conecta diretamente com a área do empreendimento. Essa conexão aumenta significativamente o espaço disponível para a ocupação e o deslocamento da fauna, reforçando a eficácia das medidas de afugentamento e soltura.

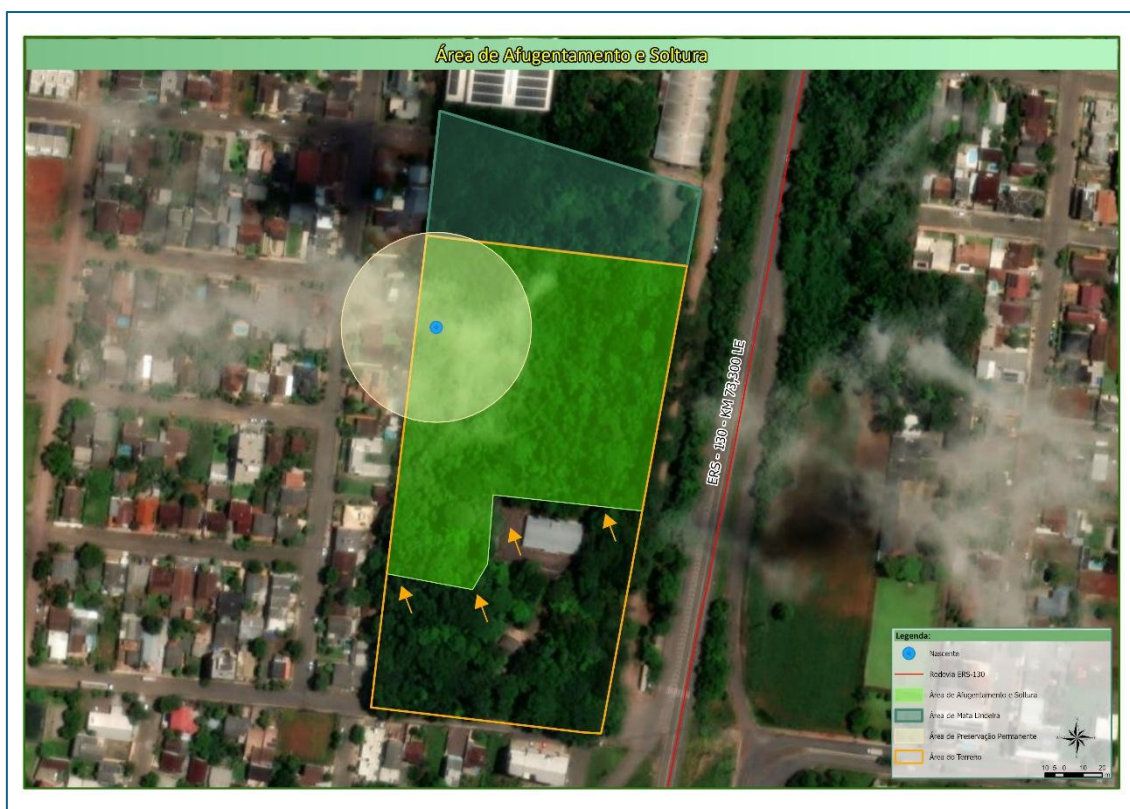


Figura 2 - Área de estudo com demarcação de bordas de mata e rota de fuga para a fauna.

10. MEDIDAS MITIGATÓRIAS PARA A FAUNA E REQUISITOS LEGAIS

A supressão de vegetação, mesmo que necessária para o desenvolvimento de um empreendimento, impacta diretamente a fauna local. Para minimizar esses impactos e garantir a proteção dos animais, são implementadas diversas medidas mitigatórias para o resgate da fauna. Essas medidas visam proteger os animais durante todo o processo, desde o planejamento até a soltura.

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
--	---

É fundamental que a supressão da vegetação ocorra de forma fracionada, começando pela porção sul e avançando para o norte. Essa abordagem minimiza os impactos, permitindo que a fauna tenha tempo e condições de deixar a área com segurança.

10.1. Requisitos Legais

Para as atividades de manejo e resgate de fauna relacionadas à implantação do projeto, deverá estar de acordo com a Resolução CFBio Nº 706/2024 que “Dispõe sobre os procedimentos de estudo, registro, captura, contenção, marcação, soltura e coleta de animais vertebrados in situ e ex situ, e dá outras providências” e a Instrução Normativa IBAMA Nº 146/2007 que dispõe em seu “Art. 1º Estabelecer os critérios para procedimentos relativos ao manejo de fauna silvestre (levantamento, monitoramento, salvamento, resgate e destinação) em áreas de influência de empreendimentos e atividades consideradas efetiva ou potencialmente causadoras de impactos à fauna sujeitas ao licenciamento ambiental...”.

10.2. Interrupção Imediata e Atuação da Equipe de Resgate

A equipe de supressão de vegetação deverá interromper imediatamente as atividades ao se deparar com qualquer espécie de animal silvestre no local. Nesse momento, será solicitada a mobilização da equipe de afugentamento e resgate de fauna. Esta equipe, composta por especialistas aptos, será responsável por executar o resgate e o manejo adequado dos animais encontrados.

10.3. Criação de Corredores Ecológicos

Dada a conexão da área com outros pontos florestados, pode-se planejar e implementar corredores ecológicos. Eles ligariam o remanescente a fragmentos próximos, reduzindo o isolamento e promovendo o fluxo gênico da fauna.

10.4. Educação Ambiental e Fiscalização

Treinar as equipes envolvidas na obra sobre a importância da fauna e as medidas de proteção, além de fiscalizar para evitar caça, captura ilegal ou descarte inadequado de resíduos.

11. AFUGENTAMENTO E RESGATE DE FAUNA

11.1. Equipamentos

As atividades de Afugentamento, Salvamento, Resgate e Destinação do Plano de Manejo da Fauna serão realizadas pela equipe técnica contratada, que utilizará os equipamentos e petrechos essenciais apresentados abaixo.

11.1.1. Para Acondicionamento e Transporte:

Caixas plásticas (grandes e pequenas) para animais e sacos de pano.

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
---	---

11.1.2. Para Captura e Manejo:

Ganchos para serpentes, pinça de 30 cm, pinção para répteis e puçá de captura, além de laço tipo cambão, traje de Apicultor e lanterna de mão e/ou de cabeça.

11.1.3. Equipamentos de Proteção Individual (EPIs):

Botas de segurança, colete com faixas reflexivas, perneiras de couro, capacete de segurança com jugular, luvas de raspa de couro, luvas descartáveis de látex, entre outros.

11.2. Afugentamento e Resgate

No que compete à etapa de afugentamento da fauna silvestre, a equipe técnica deverá realizar o reconhecimento prévio da área alvo da supressão da vegetação. Adicionalmente, após a demarcação e isolamento dos ninhos e tocas, deve-se priorizar o abandono natural do ninho pelos filhotes, especialmente no caso do grupo das aves, em detrimento do resgate direto.

Ao detectar ninhos com ovos e filhotes, deve-se georreferenciar e isolar a área até que os espécimes os abandonem naturalmente. Desta forma, recomenda-se que os espécimes vegetais arbóreos com ninho de aves não sejam suprimidos até sua comprovada inativação.

Não sendo possível a aplicação do método anterior, a equipe técnica deverá realizar a transferência gradual dos ninhos, com o objetivo de garantir a continuidade de cuidado parental para as espécies que exibem tal comportamento. Na impossibilidade de implementar as duas formas preferenciais de manejo precitadas (isolamento da área ou realocação), os ovos e ninhos deverão ser resgatados e transportados apropriadamente para uma área segura.

Já na parte referente ao resgate de fauna, a equipe especializada deverá acompanhar as frentes de obra até a completa retirada do material vegetal resultante da supressão, etapa em que comumente são resgatados muitos animais. É recomendado que a permanência do material suprimido deva ser retirada com a maior brevidade possível, visando evitar a colonização da área pela fauna.

As colmeias de abelhas nativas resgatadas deverão ser translocadas para fragmentos florestais próximos ao empreendimento, em ambientes semelhantes ao de origem, considerando a posição e direção geográfica da entrada da colônia.

Recomenda-se o manejo no período noturno, quando caracteristicamente a atividade dos animais é menor. Os ninhos de abelhas de espécies nativas poderão ser translocados dentro do oco da árvore ou em caixas de madeira.

A soltura de animais pertencentes ao grupo da herpetofauna deverá seguir o fluxo de destinação comum aos demais grupos da fauna silvestre, ou seja, deverá ser priorizada a soltura imediata.

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
---	---

Para a mastofauna, especialmente o tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*), medidas específicas deverão ser adotadas. O tamanho da toca e sinais de uso recente e atividade deverão ser criteriosamente avaliados. Se for confirmado, após monitoramento, que a toca está desocupada, a entrada poderá ser sinalizada com terra ou galhos secos, nunca bloqueada completamente, para indicar alteração no local.

Durante o afugentamento, é crucial o monitoramento diário das tocas para confirmar o deslocamento dos tatus. Isso poderá ser realizado por inspeção visual das entradas, uso de areia fina para registro de pegadas ou armadilhas fotográficas.

O local de soltura será na gleba de mata que se manterá preservada, garantindo disponibilidade de alimento e água, e sem ameaça de futuras intervenções. A distância da soltura será cuidadosamente avaliada para ser segura, nem muito próxima da área da obra, nem tão longe que desoriente o animal.

A melhor medida mitigatória é sempre a prevenção. Se possível, o planejamento da intervenção deve buscar desviar de áreas com alta concentração de tocas.

12. REFERÊNCIAS

CHIARELLO, A. G. Density and population size of mammals in remnants of Brazilian Atlantic Forest. *Conservation Biology*, v. 14, n. 6, p. 1649–1657, 2000a.

CULLEN JUNIOR, L.; RUDRAN, R.; VALLADARES-PADUA, C. *Métodos de estudos em biologia da conservação e manejo da vida silvestre*. Curitiba: Editora UFPR, 2003. 665 p.

MAGALHÃES, J. D. R. et al. Eficiência das técnicas de captura aplicadas aos estudos de répteis no Brasil. In: **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA**, VI, 2009, Recife. *Anais...* Recife, 2009.

OLIVEIRA, J. C.; PEREIRA, J. R. A. O clima e as principais características climáticas da Amazônia Legal. In: **SIMPÓSIO DO TRÓPICO ÚMIDO**, 1., 1986, Belém. *Anais...* Belém: Embrapa-CPATU, 1986. v. 2, p. 117–128.

STALLINGS, J. R. Small mammals inventories in an eastern Brazilian park. *Bulletin of the Florida State Museum: Biological Sciences*, v. 34, n. 4, p. 153–200, 1989.

13. ANEXOS

Anexo 1. Anotação de Responsabilidade Técnica

Anexo 2. Mapa da área de estudo/empreendimento

Anexo 3. Mapa das tocas de tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) ativas

Anexo 4. Lista de Espécies Potenciais para a Área

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
--	---



Anexo 1

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
--	--

Serviço Público Federal CONSELHO FEDERAL/CONSELHO REGIONAL DE BIOLOGIA 3ª REGIÃO			
ANOTAÇÃO DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA - ART			1-ART Nº: 2024/00994
CONTRATADO			
2.Nome: ALEXANDRE RODRIGUES DA SILVA		3.Registro no CRBio: 088873/03-D	
4.CPF: 006.628.740-56	5.E-mail: alebiologia_rs@hotmail.com		6.Tel: (51)3077-0081
7.End.: CAPISTRANO DE ABREU 828		8.Compl.:	
9.Bairro: NITEROI	10.Cidade: CANOAS	11.UF: RS	12.CEP: 92120-130
CONTRATANTE			
13.Nome: STE - SERVIÇOS TÉCNICOS DE ENGENHARIA S.A.			
14.Registro Profissional:		15.CPF / CGC / CNPJ: 88.849.773/0001-98	
16.End.: RUA SAL DANHA DA GAMA 225			
17.Compl.:		18.Bairro: HARMONIA	19.Cidade: CANOAS
20.UF: RS	21.CEP: 92310-630	22.E-mail/Site: ste.art@stesa.com.br / www.stesa.com.br	
DADOS DA ATIVIDADE PROFISSIONAL			
23.Natureza : 1. Prestação de serviço Atividade(s) Realizada(s) : Supervisão estudos/projetos de pesquisa e/ou outros serviços;			
24.Identificação : SUPERVISÃO AMBIENTAL - MEIO BIÓTICO, NAS SUPERINTENDÊNCIAS, 1º SR - ESTEIO, 11º SR - LAJEADO E 16º SR OSÓRIO (REGIÃO SUDESTE)			
25.Município de Realização do Trabalho: ESTEIO			26.UF: RS
27.Forma de participação: EQUIPE		28.Perfil da equipe: ENGº CIVIS, AMBIENTAIS, FLORESTAIS, GEÓLOGOS, BIÓLOGOS ETC	
29.Área do Conhecimento: Ecologia; Zoologia;		30.Campo de Atuação: Meio Ambiente	
31.Descrição sumária : MEMBRO DE EQUIPE NOS SERVIÇOS DE APOIO À FISCALIZAÇÃO DE OBRAS RODOVIÁRIAS DO DEPARTAMENTO AUTÔNOMO DE ESTRADAS DE RODAGEM - DAER/RS, NA MALHA RODOVIÁRIA SOB CIRCUNSCRIÇÃO DA 1ºSR - ESTEIO, 11º SR LAJEADO E 16º SR - OSÓRIO (REGIÃO SUDESTE) - CONTRATO Nº AJ/CD/013/19			
32.Valor: R\$ 5.110,62	33.Total de horas: 44	34.Início: JAN/2024	35.Término: JUL/2024
36. ASSINATURAS			37. LOGO DO CRBio
Declaro serem verdadeiras as informações acima			
Data: 31/01/2024		Data:	
Assinatura do Profissional	Assinatura e Carimbo do Contratante		
			
38. SOLICITAÇÃO DE BAIXA POR CONCLUSÃO		39. SOLICITAÇÃO DE BAIXA POR DISTRATO	
Declaramos a conclusão do trabalho anotado na presente ART, razão pela qual solicitamos a devida BAIXA junto aos arquivos desse CRBio.			
Data: / /	Assinatura do Profissional	Data: / /	Assinatura do Profissional
Data: / /	Assinatura e Carimbo do Contratante	Data: / /	Assinatura e Carimbo do Contratante

CERTIFICAÇÃO DIGITAL DE DOCUMENTOS
NÚMERO DE CONTROLE: 9200.9828.1142.1456

OBS: A autenticidade deste documento deverá ser verificada no endereço eletrônico www.crbio03.gov.br



Anexo 2

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental:
--	--------------------------------------



Legenda:

- Nascente
- Rodovia ERS-130
- Área de Preservação Florestal - APF
- Área de Preservação Permanente
- Área de Servidão Ambiental
- Área sem cobertura vegetal
- Área com espécies isoladas
- Área do Terreno
- Fragmento florestal

Informações cartográficas:

Escala numérica: 1:1.000

Datum horizontal: WGS 1984
Sistema de coordenadas UTM/Fuso 22S

Localização:

Mapa de localização do estado do Rio Grande do Sul (RS) em relação aos vizinhos (Paraguai, Argentina, Uruguai, SC) e ao Oceano Atlântico. O ponto de estudo é marcado no município de LAJEADO.

Contrato:

CAT - Contrato de Apoio Técnico

Área DAER ERS-130 - KM 73,300 LE

Anexo 3

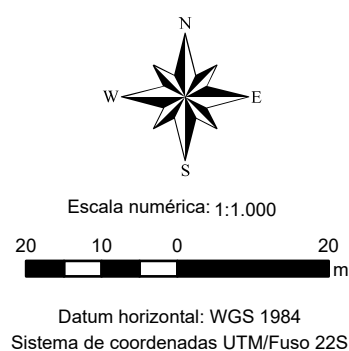
Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
---	---



Legenda:

- Nascente
- Possíveis tocas de fauna
- Rodovia ERS-130
- Área de Intervenção
- Área de Preservação Permanente
- Área do Terreno

Informações cartográficas:



Localização:



Contrato:

CAT - Contrato de Apoio Técnico

Área DAER ERS-130 - KM 73,300 LE

Anexo 4

Consultora: STE - Serviços Técnicos de Engenharia S.A.	Supervisão Ambiental: 
---	---

Anexo 4 - Lista de fauna elaborada com dados primários e secundários, contendo o Nome Científico, Nome Comum, Registro de Campo (RC), Ocorrência Potencial (OP), Ocorrência na macrorregião (Vale do Taquari) (OM) e a Categoria de Ameaça (CA)

Ordem/Família	Nome científico	Nome vulgar	RC	OP	OM	CA
Mastofauna						
Didelphimorphia						
Didelphidae	<i>Chironectes minimus</i>	cuíca-d'água			X	VU
	<i>Didelphis albiventris</i>	gambá-de-orelha-branca	X			
	<i>Didelphis aurita</i>	gambá-de-orelha-preta			X	
Xenarthra						
Myrmecophagidae	<i>Tamandua tetradactyla</i>	tamanduá-mirim			X	VU
	<i>Dasypus novemcinctus</i>	tatu-galinha	X			
Chiroptera						
Noctilionidae	<i>Noctilio leporinus</i>	morcego-pescador			X	
Phyllostomidae	<i>Artibeus fimbriatus</i>			X		
	<i>Artibeus lituratus</i>	morcego-das-frutas		X		
	<i>Chrotopterus auritus</i>	morcego-bombachudo			X	
	<i>Desmodus rotundus</i>	morcego-vampiro			X	
	<i>Glossophaga soricina</i>	morcego-beija-flor		X		
	<i>Sturnira lilium</i>	morcego-fruteiro		X		
Vespertilionidae	<i>Eptesicus brasiliensis</i>	morcego-borboleta-grande			X	
	<i>Histiotus velatus</i>	morcego-orelhudo			X	
	<i>Lasiurus cinereus</i>	morcego-grisalho			X	
	<i>Lasiurus ega</i>	morcego-das-palmeiras			X	
	<i>Myotis nigricans</i>	morcego-borboleta-escuro			X	
Molossidae	<i>Molossus molossus</i>	morcego-de-cauda-grossa			X	
	<i>Molossus ater</i>	morcego-de-cauda-grossa-grande			X	
	<i>Promops nasutus</i>	morcego-narigudo			X	
	<i>Tadarida brasiliensis</i>	morceguinho-das-casas			X	
Primates						
Atelidae	<i>Alouatta guariba clamitans</i>	bugio-ruivo			X	VU
Cebidae	<i>Cebus nigrinus</i>	macaco-prego			X	
Carnivora						
Canidae	<i>Cerdocyon thous</i>	graxaim-do-mato	X			
Procyonidae	<i>Nasua nasua</i>	quati		X		VU
	<i>Procyon concolor</i>	mão-pelada		X		
Mustelidae	<i>Galictis cuja</i>	furão		X		
	<i>Lontra longicaudis</i>	lontra			X	
Felidae	<i>Leopardus guttulus</i>	gato-do-mato-pequeno			X	VU
	<i>Leopardus pardalis</i>	jagatirica			X	EN
	<i>Leopardus wiedii</i>	gato-maracajá			X	EN
Artiodactyla						
Cervidae	<i>Mazama sp.</i>	veado			X	

Ordem/Família	Nome científico	Nome vulgar	RC	OP	OM	CA
Rodentia						
Muridae	<i>Oligoryzomys flavescens</i>	rato-silvestre		X		
	<i>Oligoryzomys nigripes</i>	rato-silvestre		X		
	<i>Oryzomys angouya</i>	rato-silvestre		X		
	<i>Nectomys squamipes</i>	rato-silvestre		X		
	<i>Akodon montensis</i>	rato-silvestre		X		
	<i>Mus musculus*</i>	camundongo		X		
	<i>Rattus norvegicus*</i>	ratazana		X		
	<i>Rattus rattus*</i>	rato-das-casas		X		
Erethizontidae	<i>Coendou spinosus</i>	ouriço-cacheiro		X		
Caviidae	<i>Cavia aperea</i>	preá		X		
	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	capivara		X		
Dasyproctidae	<i>Dasyprocta azarae</i>	cutia		X		VU
Myocastoridae	<i>Myocastor coypus</i>	ratão-do-banhado	X			
Lagomorpha						
Leporidae	<i>Lepus europaeus*</i>	lebre		X		
	Avifauna					
Tinamiformes						
Tinamidae	<i>Crypturellus obsoletus</i>	inambuguaçu			X	
Anseriformes						
Anatidae	<i>Dendrocygna viduata</i>	irerê			X	
	<i>Amazonetta brasiliensis</i>	ananaí			X	
Galliformes						
Cracidae	<i>Penelope obscura</i>	jacuguaçu			X	
	<i>Ortalis squamata</i>	aracuã-escamoso		X		
Podicipediformes						
Podicipedidae	<i>Tachybaptus dominicus</i>	mergulhão-pequeno			X	
	<i>Podilymbus podiceps</i>	mergulhão-caçador			X	
Ciconiiformes						
Ciconiidae	<i>Mycteria americana</i>	cabeça-seca			X	
Suliformes						
Phalacrocoracidae	<i>Nannopterum brasilianus</i>	biguá	X			
Anhingidae	<i>Anhinga anhinga</i>	biguatinga			X	
Pelecaniformes						
Ardeidae	<i>Tigrisoma lineatum</i>	socó-boi		X		
	<i>Nycticorax nycticorax</i>	socó-dorminhoco		X		
	<i>Butorides striata</i>	socozinho		X		
	<i>Bubulcus ibis</i>	garça-vaqueira		X		
	<i>Ardea cocoi</i>	garça-moura		X		
	<i>Ardea alba</i>	garça-branca	X			
	<i>Syrigma sibilatrix</i>	maria-faceira		X		
	<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena	X			
Threskiornithidae	<i>Plegadis chihi</i>	caraúna		X		
	<i>Phimosus infuscatus</i>	tapicuru	X			

Ordem/Família	Nome científico	Nome vulgar	RC	OP	OM	CA
Cathartiformes						
Cathartidae	<i>Cathartes aura</i>	urubu-de-cabeça-vermelha	X			
	<i>Cathartes burrovianus</i>	urubu-de-cabeça-amarela		X		
	<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-de-cabeça-preta	X			
Accipitriformes						
Accipitridae	<i>Elanoides forficatus</i>	gavião-tesoura		X		
	<i>Elanus leucurus</i>	gavião-peneira		X		
	<i>Circus buffoni</i>	gavião-do-banhado		X		
	<i>Accipiter striatus</i>	tauató-miúdo	X			
	<i>Ictinia plumbea</i>	sovi		X		
	<i>Rostrhamus sociabilis</i>	gavião-caramujeiro		X		
	<i>Geranospiza caerulescens</i>	gavião-pernilongo		X		
	<i>Heterospizias meridionalis</i>	gavião-caboclo		X		
	<i>Urubitinga urubitinga</i>	gavião-preto		X		
	<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó	X			
	<i>Geranoaetus albicaudatus</i>	gavião-de-rabo-branco		X		
	<i>Buteo brachyurus</i>	gavião-de-cauda-curta	X			
Gruiformes						
Aramidae	<i>Aramus guarauna</i>	carão		X		
Rallidae	<i>Aramides ypecaha</i>	saracuruçu		X		
	<i>Aramides saracura</i>	saracura-do-mato		X		
	<i>Laterallus melanophaius</i>	sanã-parda		X		
	<i>Pardirallus nigricans</i>	saracura-sanã		X		
	<i>Pardirallus sanguinolentus</i>	saracura-do-banhado		X		
	<i>Gallinula galeata</i>	galinha-d'água		X		
	<i>Porphyrio martinicus</i>	frango-d'água-azul		X		
Charadriiformes						
Charadriidae	<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero	X			
Recurvirostridae	<i>Himantopus melanurus</i>	pernilongo-de-costas-brancas		X		
Scolopacidae	<i>Gallinago paraguaiiae</i>	narceja		X		
	<i>Actitis macularius</i>	maçarico-pintado		X		
	<i>Tringa solitaria</i>	maçarico-solitário		X		
	<i>Tringa flavipes</i>	maçarico-de-perna-amarela		X		
Jacanidae	<i>Jacana jacana</i>	jaçanã		X		
Columbiformes						
Columbidae	<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha	X			
	<i>Columbina picui</i>	rolinha-picuí	X			
	<i>Columba livia</i>	pombo-doméstico		X		
	<i>Patagioenas picazuro</i>	asa-branca	X			
	<i>Patagioenas cayennensis</i>	pomba-galega	X			
	<i>Zenaida auriculata</i>	avoante	X			
	<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu	X			
	<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-de-testa-branca	X			
Cuculiformes						

Ordem/Família	Nome científico	Nome vulgar	RC	OP	OM	CA
Cuculidae	<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato	X			
	<i>Coccyzus melacoryphus</i>	papa-lagarta		X		
	<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto	X			
	<i>Guira guira</i>	anu-branco	X			
	<i>Dromococcyx pavoninus</i>	peixe-frito-pavonino			X	
	<i>Tapera naevia</i>	saci		X		
Strigiformes						
Tytonidae	<i>Tyto furcata</i>	suindara		X		
Strigidae	<i>Megascops choliba</i>	corujinha-do-mato		X		
	<i>Megascops sanctaecatarinae</i>	corujinha-do-sul		X		
	<i>Bubo virginianus</i>	jacurutu			X	
	<i>Strix hylophila</i>	coruja-listrada			X	
	<i>Athene cunicularia</i>	coruja-buraqueira			X	
	<i>Asio clamator</i>	coruja-orelhuda		X		
Nyctibiiformes						
Nyctibiidae	<i>Nyctibius griseus</i>	urutau		X		
Caprimulgiformes						
Caprimulgidae	<i>Lurocalis semitorquatus</i>	tuju		X		
	<i>Nyctidromus albigollis</i>	bacurau		X		
	<i>Hydropsalis longirostris</i>	bacurau-da-telha		X		
	<i>Hydropsalis torquata</i>	bacurau-tesoura		X		
	<i>Podager nacunda</i>	corucão		X		
Apodiformes						
Apodidae	<i>Streptoprocne zonaris</i>	taperuçu-de-coleira-branca		X		
	<i>Chaetura meridionalis</i>	andorinhão-do-temporal		X		
Trochilidae	<i>Florisuga fusca</i>	beija-flor-preto	X			
	<i>Anthracothorax nigricollis</i>	beija-flor-de-veste-preta	X			
	<i>Stephanoxis lalandi</i>	beija-flor-de-topete-verde		X		
	<i>Chlorostilbon lucidus</i>	besourinho-de-bico-vermelho	X			
	<i>Thalurania glaucopis</i>	beija-flor-de-fronte-violeta	X			
	<i>Hylocharis chrysura</i>	beija-flor-dourado		X		
	<i>Leucochloris albigollis</i>	beija-flor-de-papo-branco		X		
	<i>Amazilia versicolor</i>	beija-flor-de-banda-branca		X		
Trogoniformes						
Trogonidae	<i>Trogon surrucura</i>	surucuá-variado	X			
Coraciiformes						
Alcedinidae	<i>Megaceryle torquata</i>	martim-pescador-grande		X		
	<i>Chloroceryle amazona</i>	martim-pescador-verde		X		
	<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno		X		
Piciformes						
Ramphastidae	<i>Ramphastos dicolorus</i>	tucano-de-bico-verde	X			
Picidae	<i>Picumnus temminckii</i>	picapauzinho-de-coleira	X			
	<i>Picumnus nebulosus</i>	picapauzinho-carijó		X		
	<i>Melanerpes candidus</i>	pica-pau-branco		X		

Ordem/Família	Nome científico	Nome vulgar	RC	OP	OM	CA
	<i>Veniliornis spilogaster</i>	picapauzinho-verde-carijó	X			
	<i>Piculus aurulentus</i>	pica-pau-dourado		X		
	<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-barrado		X		
	<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo			X	
	<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca	X			
	<i>Celeus flavescens</i>	pica-pau-de-cabeça-amarela		X		
Cariamiformes						
Cariamidae	<i>Cariama cristata</i>	seriema			X	
Falconiformes						
Falconidae	<i>Caracara plancus</i>	carcará	X			
	<i>Milvago chimachima</i>	carrapateiro		X		
	<i>Milvago chimango</i>	chimango	X			
	<i>Micrastur ruficollis</i>	falcão-caburé		X		
	<i>Micrastur semitorquatus</i>	falcão-relógio		X		
	<i>Falco sparverius</i>	quiriquiri	X			
	<i>Falco femoralis</i>	falcão-de-coleira			X	
	<i>Falco peregrinus</i>	falcão-peregrino			X	
Psittaciformes						
Psittidae	<i>Pyrrhura frontalis</i>	tiriba		X		
	<i>Myiopsitta monachus</i>	caturrita	X			
	<i>Amazona aestiva</i>	papagaio-verdadeiro		X		
	<i>Pionopsitta pileata</i>	cuiú-cuiú	X			
Passeriformes						
Thamnophilidae	<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	choca-de-chapéu-vermelho		X		
	<i>Thamnophilus caerulescens</i>	choca-da-mata	X			
	<i>Mackenziaena leachii</i>	borralhara-assobiadora		X		
Conopophagidae	<i>Conopophaga lineata</i>	chupa-dente		X		
Formicariidae	<i>Chamaeza campanisona</i>	tovaca-campainha		X		
Scleruridae	<i>Sclerurus scansor</i>	vira-folha		X		
Dendrocolaptidae	<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde		X		
	<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	arapaçu-rajado		X		
	<i>Lepidocolaptes falcinellus</i>	arapaçu-escamoso-do-sul		X		
	<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	arapaçu-grande		X		
Furnariidae	<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro	X			
	<i>Lochmias nematura</i>	joão-porca		X		
	<i>Philydor rufum</i>	limpa-folha-de-testa-baia		X		
	<i>Heliobletus contaminatus</i>	trepadorzinho		X		
	<i>Syndactyla rufosuperciliata</i>	trepador-quiete	X			
	<i>Phacellodomus ferrugineigula</i>	joão-botina-do-brejo		X		
	<i>Anumbius anumbi</i>	cochicho		X		
	<i>Schoeniophylax phryganophilus</i>	bichoita		X		
	<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>	curutié		X		
	<i>Synallaxis ruficapilla</i>	pichororé		X		

Ordem/Família	Nome científico	Nome vulgar	RC	OP	OM	CA
	<i>Synallaxis cinerascens</i>	pi-puí		X		
	<i>Synallaxis spixi</i>	joão-teneném		X		
	<i>Cranioleuca obsoleta</i>	arredio-oliváceo		X		
Pipridae	<i>Chiroxiphia caudata</i>	tangará		X		
Tityridae	<i>Schiffornis virescens</i>	flautim		X		
	<i>Pachyramphus viridis</i>	caneleiro-verde		X		
	<i>Pachyramphus polychopterus</i>	caneleiro-preto		X		
	<i>Pachyramphus validus</i>	caneleiro-de-chapéu-preto		X		
	<i>Pyroderus scutatus</i>	pavó			X	VU
Platyrinchidae	<i>Platyrinchus mystaceus</i>	patinho		X		
Rhynchocyclidae	<i>Mionectes rufiventris</i>	abre-asa-de-cabeça-cinza		X		
	<i>Phylloscartes ventralis</i>	borboletinha-do-mato	X			
	<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	bico-chato-de-orelha-preta	X			
	<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i>	tororó	X			
Tyrannidae	<i>Hirundinea ferruginea</i>	gibão-de-couro		X		
	<i>Euscarthmus meloryphus</i>	barulhento		X		
	<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha	X			
	<i>Elaenia flavogaster</i>	guaracava-de-barriga-amarela		X		
	<i>Elaenia spectabilis</i>	guaracava-grande		X		
	<i>Elaenia parvirostris</i>	tuque-pium		X		
	<i>Elaenia mesoleuca</i>	tuque		X		
	<i>Elaenia obscura</i>	tucão		X		
	<i>Myiopagis viridicata</i>	guaracava-de-crista-alaranjada		X		
	<i>Phyllomyias virescens</i>	piolhinho-verdoso		X		
	<i>Serpophaga nigricans</i>	joão-pobre		X		
	<i>Serpophaga subcristata</i>	alegrinho	X			
	<i>Legatus leucophaeus</i>	bem-te-vi-pirata		X		
	<i>Myiarchus swainsoni</i>	irré		X		
	<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi	X			
	<i>Machetornis rixosa</i>	suiriri-cavaleiro	X			
	<i>Myiodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado		X		
	<i>Megarynchus pitangua</i>	neinei	X			
	<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri		X		
	<i>Tyrannus savana</i>	tesourinha		X		
	<i>Empidonomus varius</i>	peitica		X		
	<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe		X		
	<i>Pyrocephalus rubinus</i>	príncipe		X		
	<i>Arundinicola leucocephala</i>	freirinha		X		
	<i>Lathrotriccus euleri</i>	enferrujado		X		
	<i>Knipolegus cyanirostris</i>	maria-preta-de-bico-azulado		X		
	<i>Knipolegus lophotes</i>	maria-preta-de-penacho			X	
	<i>Hymenops perspicillatus</i>	viuvinha-de-óculos		X		
	<i>Satrapa icterophrys</i>	suiriri-pequeno		X		
	<i>Nengetus cinereus</i>	primavera		X		

Ordem/Família	Nome científico	Nome vulgar	RC	OP	OM	CA
	<i>Xolmis irupero</i>	noivinha		X		
Vireonidae	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari	X			
	<i>Vireo chivi</i>	juruviara		X		
Corvidae	<i>Cyanocorax caeruleus</i>	gralha-azul		X		
	<i>Cyanocorax chrysops</i>	gralha-picaça		X		
Hirundinidae	<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa	X			
	<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serradora		X		
	<i>Progne tapera</i>	andorinha-do-campo		X		
	<i>Progne chalybea</i>	andorinha-grande	X			
	<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	andorinha-de-sobre-branco	X			
	<i>Petrochelidon pyrrhonota</i>	andorinha-de-dorso-acanelado		X		
Troglodytidae	<i>Troglodytes musculus</i>	corruíra	X			
Poliopitidae	<i>Poliopitila dumicola</i>	balança-rabo-de-máscara		X		
Turdidae	<i>Turdus flavipes</i>	sabiá-uma			X	
	<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-barranco	X			
	<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira	X			
	<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca	X			
	<i>Turdus subalaris</i>	sabiá-ferreiro		X		
	<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira	X			
Mimidae	<i>Mimus saturninus</i>	sabiá-do-campo		X		
	<i>Mimus triurus</i>	calhandra-de-três-rabos		X		
Motacillidae	<i>Anthus lutescens</i>	caminheiro-zumbidor		X		
Passerellidae	<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico	X			
	<i>Ammodramus humeralis</i>	tico-tico-do-campo		X		
Parulidae	<i>Setophaga pitiayumi</i>	mariquita	X			
	<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	pia-cobra	X			
	<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula	X			
	<i>Myiothlypis leucoblephara</i>	pula-pula-assobiador	X			
Icteridae	<i>Cacicus chrysopterus</i>	japuira		X		
	<i>Cacicus haemorrhous</i>	guaxe		X		
	<i>Icterus pyrrhopterus</i>	encontro		X		
	<i>Gnorimopsar chopi</i>	pássaro-preto		X		
	<i>Chrysomus ruficapillus</i>	garibaldi		X		
	<i>Xanthopsar flavus</i>	veste-amarela		X		VU
	<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	chopim-do-brejo		X		
	<i>Agelaioides badius</i>	asa-de-telha		X		
	<i>Molothrus rufoaxillaris</i>	chupim-azeviche		X		
	<i>Molothrus bonariensis</i>	chupim		X		
	<i>Sturnella supercilialis</i>	polícia-inglesa-do-sul		X		
Thraupidae	<i>Pipraeidea melanonota</i>	saíra-viúva		X		
	<i>Pipraeidea bonariensis</i>	sanhaço-papa-laranja	X			
	<i>Stephanophorus diadematus</i>	sanhaço-frade		X		
	<i>Paroaria coronata</i>	cardeal		X		
	<i>Paroaria capitata</i>	cavalaria		X		

Ordem/Família	Nome científico	Nome vulgar	RC	OP	OM	CA
	<i>Tangara sayaca</i>	sanhaço-cinzento	X			
	<i>Tangara palmarum</i>	sanhaço-do-coqueiro		X		
	<i>Tangara preciosa</i>	saíra-preciosa		X		
	<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra	X			
	<i>Sicalis luteola</i>	tipio		X		
	<i>Hemithraupis guira</i>	saíra-de-papo-preto		X		
	<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu		X		
	<i>Trichothraupis melanops</i>	tiê-de-topete	X			
	<i>Coryphospingus cucullatus</i>	tico-tico-rei		X		
	<i>Tachyphonus coronatus</i>	tiê-preto	X			
	<i>Tersina viridis</i>	saí-andorinha		X		
	<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul		X		
	<i>Coereba flaveola</i>	cambacica	X			
	<i>Sporophila collaris</i> Seedeater	coleiro-do-brejo		X		
	<i>Sporophila caerulescens</i>	coleurinho		X		
	<i>Sporophila pileata</i>	caboclinho-branco		X		
	<i>Embernagra platensis</i>	sabiá-do-banhado		X		
	<i>Saltator similis</i>	trinca-ferro	X			
	<i>Saltator maxillosus</i>	bico-grosso		X		
	<i>Poospiza nigrorufa</i> Warbling-	quem-te-vestiu		X		
	<i>Microspingus cabanisi</i>	queto-do-sul		X		
	<i>Pyrrhocomma ruficeps</i>	cabecinha-castanha	X			
	<i>Haplospiza unicolor</i>	cigarra-bambu	X			
	<i>Donacospiza albifrons</i>	tico-tico-do-banhado		X		
Cardinalidae	<i>Habia rubica</i>	tiê-de-banhado		X		
	<i>Amaurospiza moesta</i>	negrinho-do-mato		X		
	<i>Cyanoloxia glaucocaeulea</i>	azulinho		X		
	<i>Cyanoloxia brissonii</i>	azulão		X		
Fringillidae	<i>Spinus magellanicus</i>	pintassilgo		X		
	<i>Euphonia chlorotica</i>	fim-fim	X			
	<i>Euphonia chalybea</i>	cais-cais		X		
	<i>Euphonia cyanocephala</i>	gaturamo-rei		X		
	<i>Euphonia pectoralis</i>	ferro-velho		X		
	<i>Chlorophonia cyanea</i>	gaturamo-bandeira		X		
Estrildidae	<i>Estrilda astrild</i>	bico-de-lacre		X		
Passeridae	<i>Passer domesticus</i>	pardal		X		
Herpetofauna						
Anura						
Alsodidae	<i>Limnomedusa macroglossa</i>				X	
Bufonidae	<i>Melanophryniscus admirabilis</i>				X	
	<i>Melanophryniscus devincenzii</i>			X		
	<i>Melanophryniscus sp.</i>				X	
	<i>Melanophryniscus gr. Tumifrons</i>				X	
	<i>Rhinella achavali</i>			X		

Ordem/Família	Nome científico	Nome vulgar	RC	OP	OM	CA
	<i>Rhinella henseli</i>			X		
	<i>Rhinella icterica</i>	sapo-cururu		X		
	<i>Rhinella fernandezae</i>				X	
Hylidae	<i>Dendropsophus minutus</i>				X	
	<i>Dendropsophus namus</i>				X	
	<i>Dendropsophus sanbomi</i>				X	
	<i>Hypsiboas pulchellus</i>				X	
	<i>Hypsiboas faber</i>	sapo-ferreiro			X	
	<i>Phyllomedusa iheringi</i>				X	
	<i>Pseudis minuta</i>				X	
	<i>Scinax alter</i>				X	
	<i>Scinax berthae</i>				X	
	<i>Scinax fuscovarius</i>				X	
	<i>Scinax granulatus</i>				X	
	<i>Scinax nasicus</i>				X	
	<i>Scinax squalirostris</i>				X	
	<i>Scinax tymbamirim</i>				X	
	<i>Scinax uruguayus</i>				X	
	<i>Trachycephalus mesophaeus</i>				X	
Leptodactylidae	<i>Leptodactylus fuscus</i>				X	
	<i>Leptodactylus gracilis</i>				X	
	<i>Leptodactylus latrans</i>				X	
	<i>Leptodactylus latinasus</i>				X	
	<i>Leptodactylus mystacinus</i>				X	
	<i>Leptodactylus plaumanni</i>				X	
	<i>Physalaemus biligonigerus</i>				X	
	<i>Physalaemus gracilis</i>				X	
	<i>Physalaemus cuvieri</i>				X	
	<i>Physalaemus henselii</i>				X	
	<i>Physalaemus lisei</i>				X	
	<i>Pseudopaludicola falcipes</i>				X	
Microhylidae	<i>Elachistocleis bicolor</i>				X	
Odontophrynidae	<i>Odontophrynus americanus</i>				X	
Ranidae	<i>Lithrobates catesbeianus</i>				X	
Testudines						
Chelidae	<i>Acanthochelys spixii</i>	cágado-preto			X	
	<i>Hydromedusa tectifera</i>	cágado-pescoço-de-cobra			X	
	<i>Phrynops williamsi</i>	cágado-rajado			X	
	<i>Phrynops hilarii</i>	cágado-cinza			X	
Emydidae	<i>Trachemys dorbigni</i>	tartaruga-tigre-d'água			X	
Squamata						
Anguidae	<i>Ophiodes striatus</i>	cobra-de-vidro			X	
	<i>Ophiodes fragilis</i>				X	
Gekkonidae	<i>Hemidactylus mabouia</i>				X	

Ordem/Família	Nome científico	Nome vulgar	RC	OP	OM	CA
Leiosauridae	<i>Anisolepis grilli</i>				X	
	<i>Enyalius iheringii</i>				X	
	<i>Urostrophus vautieri</i>				X	
Gymnophthalmidae	<i>Cercosaura schreibersii</i>	camaleão-comum			X	
Teiidae	<i>Salvator merianae</i>	lagarto-papo-amarelo		X		
	<i>Teius oculatus</i>	lagartixa-verde			X	
Amphisbaenidae	<i>Amphisbaena kingii</i>				X	
	<i>Amphisbaena prunicolor</i>				X	
	<i>Amphisbaena trachura</i>				X	
Colubridae	<i>Chironius bicarinatus</i>				X	
	<i>Chironius exoletus</i>				X	
	<i>Mastigodryas bifossatus</i>				X	
	<i>Spilotes pullatus</i>				X	
	<i>Tantilla melanocephala</i>				X	
Dipsadidae	<i>Atractus reticulatus</i>				X	
	<i>Boruna maculata</i>				X	
	<i>Clelia hussami</i>				X	
	<i>Echinanthera cyanopleura</i>				X	
	<i>Erythrolampus almadensis</i>				X	
	<i>Erythrolampus jaegeri</i>				X	
	<i>Erythrolampus miliaris</i>				X	
	<i>Erythrolampus poecilogyrus</i>				X	
	<i>Erythrolampus semiaureus</i>				X	
	<i>Gomesophis brasiliensis</i>				X	
	<i>Helicops infrataeniatus</i>				X	
	<i>Lygophis anomalus</i>				X	
	<i>Lygophis flavifrenatus</i>				X	
	<i>Oxyrhopus rhombifer</i>				X	
	<i>Oxyrhopus clathratus</i>				X	
	<i>Paraphimophis rustica</i>				X	
	<i>Phalotris lemniscatus</i>				X	
	<i>Philodryas aestiva</i>				X	
	<i>Philodryas arnaldoi</i>				X	
	<i>Philodryas olfersii</i>				X	
	<i>Philodryas patagoniensis</i>				X	
	<i>Pseudoboa haasi</i>				X	
	<i>Psomophis obtusus</i>				X	
	<i>Sibynomorphus neuwiedi</i>				X	
	<i>Sibynomorphus ventrimaculatus</i>				X	
	<i>Taeniophallus affinis</i>				X	
	<i>Taeniophallus bilineatus</i>				X	
	<i>Taeniophallus occipitalis</i>				X	
	<i>Taeniophallus poecilopogon</i>				X	
	<i>Thamnodynastes hypoconia</i>				X	

Ordem/Família	Nome científico	Nome vulgar	RC	OP	OM	CA
	<i>Thamnodynastes strigatus</i>				X	
	<i>Tomodon dorsatus</i>				X	
	<i>Xenodon dorbignyi</i>				X	
	<i>Xenodon merremii</i>				X	
	<i>Xenodon neuwiedii</i>				X	
Elapidae	<i>Micrurus altirostris</i>				X	
	<i>Micrurus decoratus</i>				X	
Viperidae	<i>Bothrops alternatus</i>				X	
	<i>Bothrops cotiara</i>				X	
	<i>Bothrops jararaca</i>				X	
	<i>Bothrops pubescens</i>				X	

Categoria de ameaça: EM - em perigo; VU - vulnerável. (*) Espécie exótica



CANOAS / RS

Rua Saldanha da Gama, nº 225
CEP: 92310-630 | Bairro Harmonia
Telefone: (51) 3415-4000
www.stesa.com.br